

UM TRAÇO ESSENCIAL DOS ABORÍGINES

Antonio Paim

O traço essencial em apreço foi registrado pelos primeiros depoimentos escritos sobre o país, em especial naquele que se intitulou *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Souza, cuja autoria foi identificada por Francisco Adolfo Varnhagen (1816/1878), considerado o principal fundador da historiografia nacional. As considerações em apreço, ensejadas pela edição do mencionado texto são resumidas a seguir. Se levadas, em conta, por certo pode provocar uma alteração substancial na pauta de discussão da questão indígena no Brasil. Esse texto figura na Coleção Reconquista do Brasil --coleção Brasileira da Editora Itatiaia, volume 221.

O livro de Gabriel Soares de Souza acha-se subdividido em duas partes. Na primeira, depois de uma breve notícia sobre o descobrimento e a divisão da posse do novo mundo entre Portugal e Espanha, descreve os principais acidentes geográficos desde o rio Amazonas, no Extremo Norte, até o rio da Prata, no Extremo Sul. Essa opção reflete o caráter estritamente litorâneo da colonização no primeiro século.

A segunda parte ocupa-se da Bahia, revestindo-se de maior abrangência temática.

Na primeira parte insere uma informação sumária sobre comunidades indígenas existentes em diversas capitanias, isto é, não se preocupou em fazer, sobre este aspecto, uma investigação sistemática. Em contrapartida, na segunda essa informação é bem mais detalhada.

Acontece que somente nesta segunda parte compreende-se o significado de um traço essencial do comportamento dos aborígenes, apresentado com insistência na caracterização precedente. Essa compreensão resulta de uma advertência de Francisco Adolfo Varnhagen (1816/1878), um dos fundadores da historiografia nacional, que editou o manuscrito de Soares de Sousa e dedicou-lhe extensos comentários. Reveste-se do maior significado, como se verá a seguir. À vista da apontada singularidade, começaremos a exposição pela segunda parte.

Segundo Gabriel Soares de Souza os primeiros povoadores do território que deveria corresponder ao Recôncavo da Bahia teriam sido os tapuias. Provindo do sertão, os tupinarés os venceram e desalojaram, afugentando os tapuias para o interior. Esses tupinarés, por sua vez, seriam vencidos e desalojados pelos tupinambás.

Ainda em conformidade com o autor, na altura em que se desenvolve a colonização capitaneada pelos portugueses, os tupinambás se haviam dividido em dois grupos, guerreando entre si pela posse do litoral. Uma parte passou a dominar o trecho entre os rios Real e São Francisco

(presentemente estabelecem os limites do estado de Sergipe) e, a outra, aquele entre o rio Real e a Bahia de Todos os Santos. Na própria Bahia de Todos os Santos, os tupinambás subdividiram-se. Os ocupantes da ilha de Itaparica --povoam o rio Jaguaribe e seguem na direção Sul até a proximidade de Ilhéus-- hostilizavam os ocupantes do continente na parte da baía a que corresponderia Salvador.

A essa informação de Gabriel Soares de Souza, Varnhagen tece o seguinte comentário que se transcreve por inserir um dos traços essenciais das comunidades indígenas. Segue-se a transcrição:

“Não havia, e insistimos anda nesta idéia, no Brasil, nação tapuia. Esta palavra quer dizer “contrário” e os indígenas a aplicavam até aos franceses, contrários dos nossos, chamando-os de tapuy-tinga, isto é, tapuia branco Antigamente no Brasil, como atualmente ainda no Pará, chama-se tapuia ao gentio bravo; e tapuia se iam chamando uns aos outros, os mais aos menos civilizados. Quando os tupis invadiram o Brasil do Norte para o Sul (e não do Sul para o Norte, como pretendeu Hervas e com ele Martius), chamaram tapuias às raças que eles expulsaram. Os tupis que a si chamavam tupinambás, ou tupis abalizados, foram logo seguidos de outros de sua mesma raça, e deram aos vencidos que empurravam para o Sul e para o sertão o nome de tupi-iris e de *tupim-aem*, isto é, tupis laterais e tupis maus, como já dissemos (tupiniquim ou tupin-iki quer dizer simplesmente o tupi do lado ou vizinho lateral; tupinaé significa tupi mau).

O fracionamento crescente da raça tímica, que se estendia por quase todo o Brasil, na época do descobrimento, era tal que não exageram os que crêem que, a não ter lugar a colonização européia, a mesma raça deveria perecer assassinada por suas próprias mãos; como quase vai sucedendo nestes matos virgens, em que temos índios bravos, fazendo-se uns aos outros crua guerra. Sem a desunião da raça tímica nunca houvera uma pequena nação como Portugal colonizado extensão de terra tão grande como a que vai do Amazonas ao Prata. Os primeiros colonos seguravam-se na terra à custa dessa desunião política, protegendo sempre um dos partidos, que com essa superioridade ficava vencedor, e se unia aos da nova colônia, mesclando-se com ela em interesses, e até em relações de parentesco, etc. Às vezes, chegavam a fomentar a desunião política, o que não deve admirar quando vemos que isto ainda hoje é seguido, e que nações, aliás poderosas, não conquistariam muitas vezes nações fracas, se dentro destas não achassem partidos discordes em quem pudessem encontrar ponto de apoio, sua alavanca terrível.”

Mais adiante, Varnhagen registra que o próprio Soares de Souza confirma “que o nome dos indígenas, antes de se dividirem, era o de tupinambás-- e que falavam a mesma língua por toda a costa, e tinham os mesmos costumes.” A declaração do autor neste sentido está formulada deste modo: “ainda que os tupinambás se dividam em bandos e se

inimizaram uns com os outros, todos falam uma língua que é quase geral pela costa do Brasil, e todos têm uns costumes em seu modo de viver .”

Ao abordar as outras tribos, na continuação dessa parte do livro, o autor observa, ao ocupar-se dos tupinaés, que “pelo nome tão semelhante destas duas castas de gentio se parece bem claro que antigamente foi esta gente toda uma, como dizem os índios antigos desta nação; mas têm-se por tão contrários uns dos outros que se comem aos bocados e não cansam de se matarem em guerras, que continuamente têm, e não tão-somente são inimigos os tupinaés dos tupinambás, mas são-no de todas as outras nações do gentio do Brasil, e entre todas elas lhes chamam “taburas”, que quer dizer contrários.” Para não alongar a exposição, apresentaremos em forma de ADENDO, como a detalha na caracterização dos indígenas com que se deparou em diversas partes do litoral.

A sobrevivência das tribos existentes em 1587

A data em apreço corresponde ao *Tratado descritivo do Brasil*, da autoria de Gabriel Soares de Souza.

Encontra-se no site do ISA-Instituto Sócio Ambiental (sediado em São Paulo), uma consolidação da informação disponível sobre **Tribos indígenas brasileiras**. Essa consolidação registra inclusive o número de índios remanescentes, com a respectiva localização.

Os autores dão-se conta da existência do que chamam de “inimizade crônica” entre povos de origem comum, mas, em certas situações, atribuem à colonização portuguesa o que não passa de um autêntico processo de auto-extinção. Passemos entretanto ao registro do que terá ocorrido com as tribos existentes no país na oportunidade do registro efetivado pelo autor indicado.

Aimorés – Assinala-se no registro do ISA que seriam “grandes corredores e guerreiros terríveis; foram os responsáveis pelo fracasso das capitanias de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo.” Os últimos remanescentes teriam sobrevivido até o início do século XX, quando desaparecem de todo.

Caetés- Registra-se como sendo os “deglutinadores do bispo Sardinha e viviam desde a ilha de Itamaracá até as margens do São Francisco.” Não há registro de remanescentes.

Carijós- Registra-se que foram receptivos à catequese. Atribuem a sua extinção ao “trabalho forçado nos canaviais da baixada santista.” À luz do grande contingente de índios recrutados para o trabalho nas fazendas mantidas pelos jesuítas, é pouco provável que a razão tenha sido essa. Não há menção à disputa com os **guaianazes**, indicada por Gabriel Soares de Souza, cuja ferocidade há de ter dizimado a ambos os oponentes.

Goitacazes- Registra-se que eram tidos como “os índios mais selvagens e cruéis do Brasil”. Não há indicação de sobreviventes. Segundo Gabriel Soares de Souza, os tupiniquins “era seus contrários e vieram a ter com eles cruel guerra.”

Guaianazes –O registro do ISA confirma a informação disponível de que viveriam no litoral de São Paulo. Não há registro de sobreviventes. Disputavam a posse do território simultaneamente com os tamoios e carijós.

Potiguar- Sobreviveriam no Ceará e na Paraíba. Diz-se, sem detalhar, que “constituem um grande exemplo de luta entre povos indígenas no Nordeste.”

Papanazes- Não há registro de sobrevivência.

Tamoios –Desapareceram de todo.

Tupinambás- Registra-se que seriam “o povo tupi por excelência”. Afirma-se que “as demais tribos tupis eram de fato seus descendentes, embora o fato que os unisse fosse a teia de uma inimizade crônica.”